



Coletivo Afro Floripa: resiliência e ativismo em contexto pandêmico

Charles Raimundo: Coletivo Afro Floripa – Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC);
e-mail: charle.301@gmail.com

Introdução

"Herança africana no Brasil se transformou, entre povos bantos, iorubás, gegês e nagôs, capoeira candomblé, hip hop maracatu, a matriz é nossa escola um por todos ubuntu..." (Maracatu Arrasta Ilha)

Como dar continuidade às atividades que tem sua experiência centrada no encontro presencial? Como aplicar fundamentos caros relacionados à prática conjunta do tocar, dançar,

jogar corpos e vozes ao som de tambores e berimbaus? É nessa “encruza” existencial que os grupos que compõem o projeto de extensão Coletivo Afro Floripa, se viram obrigados a encarar por conta da pandemia

de Covid-19¹.

A reflexão que segue, apresenta um pouco da trajetória e ações educacionais de quatro grupos que desenvolvem seus trabalhos no Campus UFSC, bairro Trindade e para além dele. São estes grupos: Maracatu Arrasta Ilha (fundado em 2002), Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô (fundado em 2003), Abayomi dança e percussão afro (fundado em 2010) e Capoeira Ginga Erê (fundado em 2017). Estes ocupam, compartilham e gestam um espaço junto ao prédio do Centro de Convivência Estudantil (CCE). Em 2016, esses coletivos se articularam para desenvolver um projeto de extensão a fins de facilitar as trocas com a Universidade. Este projeto se chama "Coletivo Afro Floripa²". É importante colocar em evidência que os grupos associados ao CAF, tem o campus universitário como local privilegiado de ações, mas não se restringe ao mesmo, atendendo outras localidades da cidade de Florianópolis e região.

Os grupos voltam suas práticas e pesquisas à cultura de matriz africana, espalhadas na diáspora (Hall, 2003) africana no Brasil, assim como outras encontradas em África. A capoeira angola, o maracatu nação de baque virado, ritmos e danças populares e a dança e percussão africana, dão lastro aos conhecimentos e ditam o ritmo dos trabalhos desenvolvidos e compartilhados pelo CAF. Sob o portfólios dos grupos integrantes, verifica-se centenas de apresentações e eventos. Entre tantas, 2017 marca um dos eventos produzidos pelo CAF, que contou com grande articulação e

visibilidade: ALAPALÁ³: *Encontro com mestres da cultura popular de matriz africana*, na UFSC e comunidades parceiras, reunindo mestres/as, estudantes, professores, comunidade e interessados/as em torno da temática da cultura negra popular.

Devemos contextualizar a importância de práticas e debates em torno da temática envolvendo cultura e população negra, particularmente em SC. Sendo o Sul do Brasil, largamente propagandeado como Europa brasileira, foco de ondas de migração europeia, com ênfase na germânica e italiana, para fins de avanço econômico e branqueamento social. Grupos indígenas, africanos e afrodescendentes, não raro, ficam colocados em situação de invisibilidade na propaganda e mérito da formação do estado catarinense. Esta negação tem uma função social, onde a invisibilidade negra é componente da branquitude (Leite, 1996). Logo questionar o jogo de privilégios e trazer a importância de saberes outros, dinamizam a forma de nos entendermos enquanto sociedade diversa e desigual (Almeida, 2019). Neste contexto, o coletivo Afro Floripa realiza suas práticas educativas, pesquisas, criações e difusões na perspectiva de valorização da arte e cultura afro-brasileira em sua potência transformadora e indispensável para uma sociedade diversa com igualdade, representação e respeito.

Neste sentido a universidade aponta alguns avanços, principalmente a partir dos anos 2000, a exemplo das políticas de ações afirmativas como a leis nº 12.711/2012; 10.639/2003 e 11.645/2008, para citar algumas. Percebe-se também, um avanço liderado por campanhas de movimentos sociais na inserção de grupos subalternizados no ensino superior. No entanto, tratando-se a educação "superior", existe a construção histórica de um espaço de poder, logo, no Brasil, esta assume o papel de formação

1. Existe informação abundante sobre a pandemia Covid-19. Basta buscar na internet através de sites referenciados como secretarias estaduais e municipais de Saúde. Apenas para exemplificar os riscos atrelados à pandemia, segundo site da Prefeitura de Florianópolis, no dia que escrevo essas linhas, estamos em alerta e restrições máximas, somando os óbitos 753, e taxa de ocupação dos leitos em 93,7%. Disponível em <https://covidometrofloripa.com.br/> acessado em 5/4/2021.

2. A abreviação ao longo do texto para este coletivo será CAF.

3. Alapalá em iorubá significa, em tradução aproximada, espírito ancestral. Quanto ao evento foram realizadas duas edições com o apoio da Secarte/UFSC (2017/2018)

elitista, acompanhando as necessidades da classe dominante no país (Aranha, 2006).

Ela, a universidade pública, gratuita e de qualidade, ainda precisa trabalhar na direção de valorização e visibilidade da diversidade, acesso e permanência à construção do saber. Lembremos que a formação elementar nunca foi prioridade, bem como a implantação tardia de sistema público de educação, iniciado pelo superior, este não sendo um lugar onde o brasileiro não enxergava como seu de direito e de opção (Aranha, 2006). Ao contrário de países, que puseram fim ao absolutismo monárquico, a educação foi colocada no centro de um debate para a construção da consciência nacional. No Brasil a escravidão crescia sob as barbas do imperador e suas jogadas políticas com a Inglaterra (Schwarcz, 2015).

Mesmo com cenário desfavorável à parcela considerável da população brasileira, terreiros de candomblé, capoeiras, maracatus, jongs, congadas, entre outros, se faziam enquanto verdadeiros territórios existenciais, educando e ensinando a comunidade negra (e não só ela), formas particulares de *Ser*. Nestes territórios existenciais, encontram um lugar de liberdade e reconhecimento ancestral, um lugar de "respiro" no sistema estruturalmente opressor. Entre as "trinças" da norma, na liberdade destes territórios, é que boa parte da população negra encontrava refúgio, conhecimentos, instrução e axé.

E é neste reconhecimento ao *modus operandi* ancestral de origem africana, que o Coletivo Afro Floripa realiza ações na Universidade e seu entorno, através de seus grupos associados e trabalhos executados, onde pessoas de diferentes procedências, acabam por terem "acesso à universidade", da mesma forma que diferentes agentes da comunidade universitária tem acesso às práticas de matriz africana desenvolvidas ali.

(R)existir na História

Vamos realizar aqui um exercício de imaginação:

a adaptação que povos escravizados tiveram de estabelecer em terras alheias às suas e que, posteriormente, seus descendentes iriam encontrar. Processo violento, a escravidão, por mais que tentasse, não conseguiu extinguir manifestações religiosas e culturais de diferentes povos africanos reunidos no Brasil. Foi preciso sagacidade para (re)inventar formas do viver em um ambiente de estrutura social tão hostil (Raimundo, 2018).

Muniz Sodré escreve uma interpelação filosófica no livro *Pensar Nagô* (2017), que, de forma monumental, reúne uma discussão complexa, profunda e hermética, através de uma filosofia ao toque de atabaques, um perspectivismo africano. "O pensamento nagô é uma provocação à reversibilidade dos tempos e à transmutação dos modos de existência, sustentada pela equivalência filosófica das enunciações [...] um desafio a que as diferenças se determinem mutuamente no processo e no encontro" (Sodré, 2017: 23).

Aprendendo com a trajetória negra no Brasil, que passou por regimes opressores - colonial, imperial, ditadura e democracia – e (re)existiu e se transformou ao longo do tempo, é permitido apreender uma cultura afro-brasileira que não é congelada no tempo, mas demonstra diferentes formas em que a tradição e criatividade se tensionam e se complementam num processo de conflito criativo (Raimundo, 2018). Algo similar ao jogo dialético, proposto por Hegel e posteriormente revisado por Marx, ambos lastreados pela crítica de Kant ao iluminismo e sua razão absoluta. Nesta trilha encontramos a dialética enquanto forma de pensar não linear evolutiva. É pelo jogo tese, antítese e síntese, que a realidade transforma e é transformada (Aranha, 2006).

A impossibilidade do encontro presencial e inspiração na trajetória de resposta às opressões, utilizando da dialética tradição/criatividade e suas enunciações, o Coletivo Afro Floripa, e os grupos que o compõem, tiveram de reinventar suas práticas de ensino/aprendizagem/extensão. Dinâmicas que exigiram dos integrantes uma

capacidade criativa para alimentar e ser alimentado por suas práticas culturais e redes.

Percursos online: ambientes virtuais de aprendizado e trocas

A opção mais "viável" então, se desenhou através dos artifícios virtuais. Salas de reunião, ambientes virtuais de aprendizado e trabalhos de edição, tornaram-se parte constitutiva da organização e práticas coletivas. Neste sentido, tal formação (a de ferramentas tecnológicas e virtuais), não era algo familiar à maioria dos integrantes dos grupos, que se viram obrigados/as a realizar uma autoformação em ferramentas disponíveis para esse propósito. Por conta própria, estes/as foram se familiarizando e arriscando nas iniciativas virtuais. Destacarei aqui, alguns trabalhos que brotaram desse aprender fazendo, comum as práticas de maracatu, capoeira e danças africanas, só que agora, virtual.

Partindo da diversidade como princípio formativo e a matriz africana como base de conhecimento, a música e dança, práticas comuns aos coletivos que compõem o Afro Floripa, despertam ações de arte engajada, formando ao se formar. Com a necessidade de não deixar de "fazer acontecer", o Coletivo Afro Floripa, através de seus associados/das/des, realizaram algumas ações virtuais, dando continuidade aos seus grupos durante a pandemia Sars Cov 2. Em diferentes graus, os grupos não ficaram "parados". Movimentar estes associativismos, é manter vivo uma cadeia de relações, em que a cultura negra popular, permite dançar as novas africanidades e suas contradições (Alencar, 2009). Dentro deste escopo, encontraremos treinos, ensaios, rodas virtuais, *lives*, entre outras conjugações do fazer de seu conjunto performático como continuidade de sua própria vida e fazeres culturais (Raimundo, 2018).

Coloco à disposição alguns exemplos do que vem sendo feito, ao menos em duas instâncias, a saber, uma que são atividades envolvendo os grupos

entre si na participação e organização de eventos comuns; e outra que é o trabalho realizado pelos grupos e suas comunidades diretas (membros, mestres/as e pessoas interessadas). Em ambas estão acomodadas estratégias de organização e manutenção. Entre as práticas conjuntas dos coletivos, é possível destacar a roda de conversas virtual de iniciativa do CAF em parceria com o mandato agroecológico do gabinete do vereador Marquito/PSOL intitulada *A cultura popular de matriz africana durante a pandemia: o que elas têm a nos ensinar?* que aconteceu em 26 de agosto de 2020. A conversa mirou temas como o trabalho cultural, cena artística, exclusão, preconceitos, resistências, sustentabilidade e ações para o setor durante a pandemia. Na conversa participaram lideranças de todos os grupos, assim como o vereador. Durante o encontro foram destacados pontos da política cultural da cidade, os coletivos reforçaram a necessidade do isolamento social, mas que continuavam suas atividades, agora de forma adaptada, assim como criações de outras, até então inexistentes, embora admitam a redução do número de encontros⁴.

Para além desta ação, o coletivo realizou uma reunião virtual entre os membros para discutir algumas questões práticas referentes ao Espaço Cultural Aruanda⁵ e as burocracias necessárias para a manutenção do próprio coletivo enquanto projeto de extensão. Foi também um fórum de partilhas do que estavam fazendo com as atividades durante a pandemia e cada representante trouxe seu relato. Através da partilha, uns apresentavam dificuldades aos outros, bem como partilhavam experiências e sugestões para aprimorar o trabalho em pandemia. Além disso, a reunião teve como momento importante e feliz, a conquista do concurso para professora

4. Disponível em : <https://www.facebook.com/marquitovereamor/videos/772584366862802> acessado em 26/03/2021.

5. Desde 2006 os grupos vêm ocupando e compartilhando espaços no campus universitário. Em 2015, conseguiram uma sala no Centro de Convivência Estudantil (arquitetura em disputa por diferentes interesses), o espaço Aruanda, onde realizam suas práticas e guardam seu patrimônio físico.

efetiva do Departamento de Antropologia da UFSC, a Rainha do Maracatu Arrasta Ilha, professora doutora Alexandra Alencar, que agora se tornava a nova coordenadora do Projeto de Extensão. Foi também conversado, sobre como o coletivo poderia contribuir com novas propostas, entre elas, a possibilidade de bolsas através do Edital Secarte/UFSC. A nova coordenadora entrou com duas propostas de bolsas para estudantes de graduação, que também são integrantes do coletivo.

Esta reunião encaminhou ainda outras decisões importantes, como revezamento de atividades entre os grupos, criando um calendário de lives – “Alapalá em rede” -, com os mestres/as de cada modalidade existente no espectro de pesquisa do CAF, ficando a cargo dos grupos realizarem quatro lives durante o período de um ano. O espaço e seus cuidados, com revezamento dos grupos, também foram pautas.

A colaboração para uma revista em formato digital enquanto forma de produção e compartilhamento da experiência existente através do CAF, ganhou vida nas páginas da Revista Aruanda (2020), editada por Catalina Delgado (integrante do grupo de Capoeira Angola Ginga Erê), que fez sua primeira edição abordando a história de cada grupo e como estes articularam os eventos 1º e 2º Alapalá, e a trajetória do Mestre de Capoeira Téo de Barros. Através de diálogos e trocas de materiais de forma remota, a revista contou com a colaboração de todos os grupos e pode ser acessada gratuitamente na internet⁶.

Agora, gostaria de fazer uma breve apresentação das reinvenções dos grupos ao encarar a pandemia. O Grupo de capoeira Ginga Erê, retomou seus treinos de maneira virtual. Estão também realizando rodas temáticas, onde

um tema é proposto e debatido. Mestre Téo, complementa renda com serviços de *delivery*, apontando desta forma a fragilidade econômica de mestres, artistas e o setor cultural em sua forma mais ampla e de base. O Coletivo Abayomi e Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô, estão realizando seus treinos, mas agora de forma esporádica e remota. Os treinos do Angoleiro com o mestre do grupo que mora em São Paulo, estão sendo uma das maneiras de manter o grupo ativo, já que por se tratar de um grupo de capoeira que tem “filiais” espalhadas em diferentes cidades, os encontros passam a ser nacionais. Abayomi realizou registro áudio visual, onde seus integrantes dançavam/tocavam em suas casas e posteriormente foram sincronizados por edição. Alguns membros desses coletivos realizam trabalhos individuais, tendo assim uma agenda diversa e não necessariamente ligada à economia cultural.

Entre os grupo associados do CAF, o maracatu Arrasta Ilha⁷, desde o início da pandemia em 2020, vem fazendo uma série de ações. A primeira delas foi compartilhar memórias. Através de seu grupo de whatsapp, criou-se uma espécie de “corrente”, onde um integrante lançou uma lembrança entre tantas vivências junto ao Arrasta Ilha, destacando o lugar e as evocações que surgiam ao narrar a sua lembrança da história, para, por fim, desafiar outra/o integrante a compartilhar uma outra memória coletiva. Tal desafio envolveu as pessoas, que acompanhavam as histórias, aguardavam – algumas ansiosas - a sua vez. Foram mais de 30 vídeos, envolvendo crianças, mulheres e homens adultos de diferentes idades. O whatsapp também foi utilizado para articular uma rede de apoio que visava manter contato para ajudas mútuas, como também através de transferências do caixa do grupo no valor de cestas básicas para quem solicitava tal ajuda.

6. https://www.flipsnack.com/projetoeditorial/aruanda-cultura-popular-de-matriz-africana.html?fbclid=IwAR3jFmcHH2XuXtWC5hNJrEaLxgY9kXmwKvbut5RM_Gmk7DRTnVqibsXDZ9o acessado em 15/4/2021

7. O maracatu possui considerável produção bibliográfica, que acomodam diferentes leituras sobre ele. Para maiores informações sobre o tema ler Raimundo (2018) e Alencar (2009, 2015)

Uma das atividades desenvolvidas que visa trabalhar a parte corporal/percussiva de forma síncrona, ocupa um domingo mensal, onde os estudos de toques e danças estão ligadas e pautadas nos arquétipos dos orixás e suas potências em sua ordem no calendário da religiões de matriz africana no Brasil. Através da ferramenta de salas virtuais e plataformas de transmissão, as tardes dominicais, no horário dos ensaios -16h -, abre-se o espaço para essas trocas. Gratuita e livre a todos os públicos. Dentro deste espectro, "o tambor foi sendo construído em pleno toque", e o maracatu Arrasta Ilha foi experimentando e aprimorando suas propostas virtuais.

Trilhar caminhos ainda inexplorados de *streaming*, desafio que veio acompanhado da produção da oficina "Na tela com Mestre", trazendo percussão e roda de saberes com mestre de maracatu da nação Porto Rico,

Chacon Viana, em 13 e 14 de novembro de 2020. Pode-se dizer que este laboratório, se deu de ambos os lados, tendo em vista questões técnicas de captação e sincronia de áudio e vídeo. Entre avaliações negativas e positivas, o grupo ainda conseguiu contribuir financeiramente para a nação Porto Rico e o trabalho cultural de seu mestre, que por sua vez estava com as atividades em sua comunidade, paradas. Ao disponibilizar a oficina nação Porto Rico, o grupo previa tornar possível o maior número de acessos. No entanto, a diferença entre internet, e a qualidade do equipamento, assim como o som, dificultou a prática conjunta, que se mostrou inviável com todos microfones abertos, deixando apenas ao mestre o microfone guia, tendo o restante de microfones fechados, e mesmo assim, as "travações" descompensaram o toque.



Figura 1: Cartaz de divulgação do evento - A cultura popular de matriz africana durante a pandemia: o que elas têm a nos ensinar?

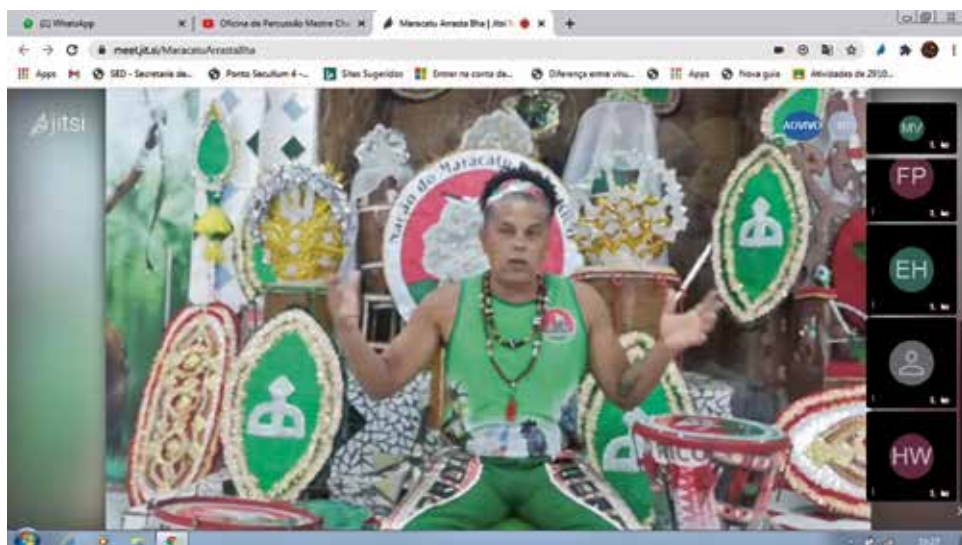


Figura 2: Oficina Mestre Chacon - Na gira com Mestre

A conexão PE/SC, agora passa por novos formatos e obstáculos, que tem em consideração as nações de maracatu e seus próprios limites, em junção com as diferentes realidades encontradas dentro do maracatu Arrasta Ilha (o que podemos ampliar ao CAF). Nem todas/os têm conhecimento e /ou acesso de qualidade a ferramentas necessárias ao sucesso de tais encontros. Mas é clara a intenção do grupo, de continuar experimentando. As lives com Mestre Maurício Soares, baiana rica da nação

Estrela Brilhante do Recife, entrevistando a Rainha, Baiana Rica e o Mestre de percussão do Arrasta Ilha, foram aprendizados no que concerne às possibilidades de estreitamento dos laços com as nações de PE e seus representantes.

Deste desenrolar de experiências adquiridas ao longo de 2020, o maracatu Arrasta Ilha idealizou e escreveu um projeto para construir um Ambiente Virtual de Aprendizagem, com foco na formação



Figura 3: Conversa com Mestre Maurício Soares

de batuqueiros/as e dançarinas/os através do trabalho autoral do Arrasta Ilha⁸. A plataforma vem sendo construída por equipe interdisciplinar e tem lançamento previsto para julho de 2021. Podemos dizer que a necessidade de manter o maracatu em ação, por mais que diferente, aliado a experiência disjuntiva iniciada em 2020, demonstram a força que os encontros virtuais passam a ocupar em nosso cotidiano. O maracatu é essencial para muitos/as que já o praticam, bem como tantas outras pessoas que podem vir a se beneficiar com tal prática. Mesmo que não substituindo o encontro presencial, seus integrantes viam como necessário tal prática de se encontrar pelo maracatu.

A criação de um ambiente virtual de aprendizagem, contém vídeo-aulas onde integrantes/facilitadores do grupo fazem a intermediação da trajetória do Arrasta Ilha e sua linguagem de criação autoral na linha do maracatu nação de baque virado. O ambiente virtual foi desenvolvido através de código aberto, livre de encargos financeiros, que leva o/a usuário/a a materiais didáticos, canais e redes sociais, e-book com as mais de quarenta letras autorais, histórico do grupo, entre outros conteúdos.

8. Contemplado com o prêmio Elisabete Anderle de estímulo à cultura 2020

Considerações Gerais

Além da ação criativa e de formação, as práticas oferecidas pelos grupos e integrantes que compõem o projeto de extensão Coletivo Afro Floripa, tiveram que aprender a se refazer durante a pandemia. Neste contexto, integrantes colocaram em ação planos para que suas atividades não parassem, ao mesmo tempo em que se diversificava a forma e conteúdos do fazer cultural. Aspectos de dimensões da saúde, emocional e corporal, são amplamente necessários para a vida que levávamos no período pré-pandêmico, o que não se modifica na atualidade, muito pelo contrário, pois as muitas restrições impostas apontam a necessidade do autocuidado. Os lugares para prática coletiva e convivência virtual, consagram-se espaços de bem-estar e de ativismo artístico cultural. Processos que movimentam o corpo e tocam a alma.

Por essas e outras, a importância de se investir em projetos de extensão, que tenham princípios situados na diversidade de dinâmicas de ensino/aprendizagem e no bem-estar. A cultura afro-centrada traz contribuições não só para a comunidade acadêmica, especificamente, mas como para sociedade mais ampla, e de “quebra”, possibilitando de forma horizontal a empatia como lugar de exercício comum. ◀

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, A. E. V. **Dançando novas africanidades: diálogos com os praticantes de maracatu e dança afro de Florianópolis (SC)**. 2009. 134f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro- Pólen, 2019.
- ARANHA, Maria L. A. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. SP: Ed. Moderna, 2006.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. ED. UFMG/UNESCO. BH, 2003.
- LEITE, Ilka B. Descendentes Africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação. In: _____. (Org) **Negros no sul do Brasil – invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1996.
- RAIMUNDO, C. **O Mestre apitou: mestres, apitos, nações de maracatu e suas ações religiosas, culturais e políticas**. 2018. 255f. Tese (Antropologia Social) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- SCHWARCZ, L. **Brasil: uma biografia**. SP: Cia. das Letras, 2015.
- SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. RJ: Vozes, 2017.